

Contribuições do Sistema Preventivo de Dom Bosco para a Educação Social

GERALDO CALIMAN¹

Resumo

Considerando que a construção de um bom clima escolar é funcional para a educação e a aprendizagem, o artigo apresenta brevemente uma releitura do Sistema Preventivo de Dom Bosco à luz dos princípios metodológicos da Pedagogia Social. Parte-se de quatro dimensões muito utilizadas na Pedagogia de Dom Bosco para os jovens do século XIX e que se encontram particularmente presentes na prática da Educação Social dos tempos de hoje. A dimensão racional e científica é orientada à aquisição de conhecimentos, habilidades e competências para a vida; ao equilíbrio entre esses conhecimentos e a educação aos valores; e à socialização com as normas de boa convivência social. A dimensão existencial é voltada à ativação das relações humanas e à proposta de um projeto de vida. A dimensão afetiva e relacional é aquela na qual se ativa a acolhida e o cuidado com o outro, assim como a sociabilidade humana, o desenvolvimento da vida afetiva, dos vínculos familiares, o estímulo ao conhecimento. E, por último, a dimensão profissional e tecnológica é a que prioriza a ação educativa sobre a produtiva; a participação e responsabilidade social; o estímulo ao investimento na vida escolar, à perspectiva de desenvolvimento profissional com vistas à produção de renda e à mobilidade social.

Palavras-chave: Sistema Preventivo. Clima escolar. Educação Social.

Contributions of don Bosco's Preventive System to Social Education

Abstract

Considering that the construction of a good school climate is functional to education and learning, the article briefly presents a rereading of Don Bosco's pre-

ventive system in the light of the methodological principles of Social Pedagogy. It starts from four dimensions widely used in don Bosco's Pedagogy for the young people of the nineteenth century and which are particularly present in the practice of Social Education of today. The rational and scientific dimension: oriented to the acquisition of knowledge, skills and competences for life; the balance between this knowledge and education to values; and socialization with the norms of good social coexistence. The existential dimension: focused on the activation of human relations and the proposal of a life project. The affective and relational dimension: in which welcome and care for the other is active, as well as human sociability; the development of affective life, family bonds; the stimulus to knowledge. And, finally, the professional and technological dimension: between the prioritization of educational action over productive action; participation and social responsibility; encouraging investment in school life, the perspective of professional development with a view to income production and social mobility.

Keywords: Preventive System. School climate. Social Education.

Contribuciones del Sistema Preventivo de don Bosco a la Educación Social

Resumen

Considerando que la construcción de un buen clima escolar es funcional para la educación y el aprendizaje, el artículo presenta brevemente una reinterpretación del sistema preventivo de Don Bosco a la luz de los principios metodológicos de la Pedagogía Social. Comienza a partir de cuatro dimensiones que se utilizan ampliamente en la pedagogía de Don Bosco para los jóvenes en el siglo XIX y que están particularmente presentes en la práctica de la educación social en la actualidad. La dimensión racional y científica: orientada a la adquisición de conocimientos, habilidades y competencias para la vida; el equilibrio entre ese conocimiento y la educación en valores; y socialización con las normas de buena convivencia social. La dimensión existencial: enfocada en activar las relaciones humanas y proponer un proyecto de vida. La dimensión afectiva y relacional: en la que se activa la acogida y el cuidado de los demás, así como la sociabilidad humana; el desarrollo de la vida afectiva, los lazos familiares; Estimulando el conocimiento. Y, finalmente, la dimensión profesional y tecnológica: el equilibrio entre la acción educativa e la productiva; la participación y responsabilidad social; el estímulo a la inversión en la vida escolar, con miras al desarrollo profesional, la generación de ingresos y la movilidad social.

Palabras clave: Sistema Preventivo. Clima escolar. Educación Social.

Introdução

Giovanni Melchior Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815, em uma modesta vila próxima à Castelnuovo D’Asti, uma pequena cidade da Lombardia, nas imediações de Turim. De família simples cuja subsistência dependia do cultivo da terra, João Bosco cresceu com outros dois irmãos. Perdeu o pai aos 2 anos de idade, ficando a mãe, Margarida, sozinha para cuidar da família. Cresceu em um ambiente muito marcado pela aderência à fé e à prática religiosa, bem como ao sentimento de responsabilidade com a condução da casa. Desde cedo desenvolveu um interesse especial pela relação com os outros, motivado pela tendência fácil às relações sociais e também pelo sentimento de responsabilidade que lhe provinha das convicções da própria fé.

Destacou-se prematuramente também por uma inteligência significativa que o motivava a procurar, de todos os modos, aprender a ler e escrever, assim como a inteirar-se dos conhecimentos necessários por meio da leitura de livros que conseguia obter. Para frequentar a escola, ia duas vezes por dia de Becchi a Castelnuovo, perfazendo cerca de 20 km diários. Os três irmãos cresceram ajudando também nas responsabilidades da casa e eram acompanhados pela mãe.

Aos 9 anos de idade, teve um sonho que marcou seu projeto de vida. No sonho, marcado por inspirações e personagens religiosos (entre Jesus e Nossa Senhora), houve a indicação evidente de que seus destinatários estariam entre as crianças e os adolescentes pobres e abandonados pelas famílias e pela sociedade, para os quais passou a endereçar sua atenção; a indicação de um método educativo a partir do qual passou a se orientar em seus procedimentos pedagógicos, não com pancadas, mas com bondade; e, por fim, o deslumbrar-se de uma opção de vida, o sacerdócio, sob a qual reuniu duas de suas motivações maiores, ou seja, a fé e o método pedagógico. Expandia-se, assim, o caminho para um projeto de vida que tinha tudo para influenciar suas opções, motivações e ações futuras.

Vários pesquisadores da vida do educador Dom Bosco analisam o contexto em que ele nasceu e viveu (BRAIDO, 1999; STELLA, 2001; LUPI; GIRAUDO, 2011; LENTI, 2012). Os pesquisadores ressaltam, entre outros, os contextos político, social e religioso – que aqui não serão aprofundados, mas somente constatados brevemente. Sob o ponto de vista político, a primeira metade do século XIX foi caracterizada pela difusão das ideias da Re-

volução Francesa sob a égide da liberdade, da igualdade e da fraternidade. A percepção de Dom Bosco e da Igreja não eram nada otimistas com relação a tais mudanças, segundo ele, movidas por sociedades secretas sob o nome de carbonários, maçons, jacobinos e iluminados, que tinham como objetivo dissuadir as pessoas a seguir uma religião e suas ideias morais, assim como destituir autoridades civis e religiosas (HAUPT, 2008; BRAIDO, 1999).

Sob a perspectiva social e econômica, o norte da Itália passou, sobretudo no início do século XIX, por transformações sociais e econômicas desencadeadas pelo desenvolvimento industrial, pelo crescimento das cidades, pela migração de famílias e de jovens para as cidades que despontavam como centros industriais. Sob a perspectiva religiosa, diante das investidas da revolução voltada à unificação da Itália,

[...] o papa se colocava do lado das forças contra-revolucionárias, a Igreja se isolou, com sua hostilidade à unidade nacional, e os sacerdotes que participavam da unificação nacional tiveram que enfrentar problemas com a hierarquia eclesíastica. Essa hostilidade se exprimiu dos dois lados após a unidade nacional. O Estado reagiu ao questionamento do governo e do Estado confiscando os bens da Igreja (HAUPT, 2008, p. 81).

A longa vida de Dom Bosco nesse contexto foi marcada, na fase inicial, pela preparação por meio da dedicação aos estudos, pela opção pela vida sacerdotal e religiosa, pela aplicação de um método educativo que ele mesmo chamou de “Sistema Preventivo” e pela criação de um grupo de seguidores, chamados salesianos, que reproduziam seu método e suas motivações. Certamente o sistema educativo utilizado por Dom Bosco tem muito a dizer para as metodologias pedagógicas aplicadas nos tempos atuais mediante a Pedagogia Social.

Contribuições do Sistema Preventivo à Educação Social

Começa-se perguntando sobre como Dom Bosco poderia contribuir para a educação. Para tanto, é preciso confrontar os princípios pedagógicos dele nas quatro dimensões: racional, existencial, relacional e profissional/tecnológica.

Dom Bosco já contemplava, em meados do século XIX, quatro dimensões (racional, existencial, afetiva e tecnológica) que ele considerava essenciais à prática educativa. Seu sistema educativo foi denominado Sistema Preventivo, principalmente para fazer frente à onda repressiva daquela época e também para sintonizá-lo positivamente com o desenvolvimento humano integral do educando. Dom Bosco representa um educador típico do seu tempo, o século XIX. Ele não partiu de teorias, mas da prática pedagógica e religiosa, bem como dos apelos emergenciais advindos dos problemas sociais que assolavam a vida da juventude nos inícios da Revolução Industrial italiana: ele era um prático da Educação Popular de seu tempo. Seu método educativo revela-se uma antecipação dos tempos. As quatro dimensões de seu sistema educativo – a racional, a afetivo-relacional, a existencial e a profissional – estão contempladas no Relatório para a UNESCO de Delors (1996), quando este se refere à integralidade do processo educativo para o século XXI, composta de quatro pilares: o saber conhecer (dimensão racional), o saber fazer (dimensão profissional), o saber ser (dimensão existencial) e o saber conviver (dimensão afetivo-relacional).

São dimensões muito bem contempladas no planejamento da educação do século XXI como pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer. A seguir, sempre à luz dos princípios metodológicos inspirados em Dom Bosco e nos pilares da educação da UNESCO, ressaltam-se algumas prioridades a serem ativadas: a integração otimizada entre valores e conhecimentos; a ativação das relações humanas; a atenção à acolhida e ao cuidado; a ativação da sociabilidade humana; a atenção à vida afetiva; a participação social; o suscitamento da esperança por meio da escolaridade voltada à mobilidade social; o provisionamento da renda e da inserção social; a motivação de construir de um projeto de vida.

Dimensão racional e científica

O sistema educativo de Dom Bosco floresceu no “século das luzes”, em que a razão ocupava um espaço privilegiado em todas as áreas da vida humana. Em certos casos, tornou-se reguladora até de princípios e valores, como filosofia de vida; em outros, tornou-se ideologicamente forte de modo a justificar os tradicionais valores cristãos como obsoletos; em outros casos ainda, em um estilo pragmático, guiou o desenvolvimento do então incipiente, mas nascente, processo de industrialização. A dimensão

racional refere-se, sobretudo, a uma atitude do educador e “se apoia sobre a racionalidade, ou seja, sobre a busca das boas razões, dos motivos, da sabedoria e da ponderação humana, da adequada consideração a ser dada às forças e às possibilidades de cada um” (NANNI, 2014, p. 23).

A UNESCO se refere, por sua vez, a um

tipo de aprendizagem que visa não tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, que pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana (DELORS, 1996, p. 90).

Entre a racionalidade como atitude do educador e a racionalidade como método no domínio de saberes e dos instrumentos do conhecimento, cabe à sociedade oferecer aos jovens os instrumentos da compreensão com uma metodologia respeitosa da individualidade do educando.

A aquisição de conhecimentos, habilidades e competências para a vida

A escola e, é claro, a educação nela viabilizada representam ainda a melhor prevenção para situações em que déficits de recursos humanos e de convivência humana provocam riscos, vulnerabilidades e conflitos. O conhecimento e, mais ainda, o desenvolvimento das habilidades e competências que facilitem o conhecimento proporcionam uma base cognoscitiva sobre a qual o homem orienta a própria vida e as próprias decisões. O Relatório para a UNESCO de Delors (1996) se refere ao saber conhecer, e não somente ao conhecer. O saber conhecer reporta-se àquela dimensão didática capaz de proporcionar as condições para que as pessoas aprendam a conhecer: a transposição didática, a escolha democrática dos conteúdos, os objetivos e critérios que orientam o conhecimento.

Equilíbrio entre competências e habilidades, de um lado, e educação aos valores, do outro

A escola sempre representou um espaço de aprendizagem sistematizada de conhecimentos e também de desenvolvimento de habilidades e competências no campo do saber. Nesse sentido, os processos de ensino e aprendizagem fazem parte do dia a dia da sala de aula, das metodologias

orientadas à aquisição de conhecimentos. No entanto, diante de um contexto social impregnado de relações conflituosas, em que culturas de violência adentram os muros da escola, é necessário não somente pensar nos processos de ensino, mas também na educação. O ensino permanece o foco, mas sem deixar de lado a educação aos valores e o cultivo das relações humanas. A dimensão educativa para os valores não parece ser opcional dentro de um projeto pedagógico de uma escola. Ela é necessária e projetada pelas diretrizes nacionais para o ensino. Dizem os PCNs (BRASIL, 1997, p. 52-53):

A escola é um contexto socializador, gerador de atitudes relativas ao conhecimento, ao professor, aos colegas, às disciplinas, às tarefas e à sociedade. A não-compreensão de atitudes, valores e normas como conteúdos escolares faz com que estes sejam comunicados sobretudo de forma inadvertida – acabam por ser aprendidos sem que haja uma deliberação clara sobre esse ensinamento. Por isso, é imprescindível adotar uma posição crítica em relação aos valores que a escola transmite explícita e implicitamente mediante atitudes cotidianas.

A educação aos valores coloca-se no âmbito da dimensão existencial do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Esses valores se inspiravam prevalentemente na religião, que é, sem dúvida, o cerne do humanismo pedagógico de Dom Bosco. Por sua vez, o Relatório de Delors (1996) identificava essa dimensão como sendo a educação para o saber ser, isto é, ligada à percepção do sentido da vida em um significado mais amplo, mas, sobretudo, aquele inspirado na experiência religiosa, que vai além das preocupações imediatas. Em tempos em que os processos de desumanização tendem a ser naturalizados e banalizados, o Sistema Preventivo pauta-se por uma concepção de pessoa humana inspirada na defesa da vida, uma consciência ética fundada nos valores, especialmente a promoção da justiça, a cultura da solidariedade, o desenvolvimento sustentável, pelo respeito à diversidade cultural e religiosa, pela atenção especial à educação como capaz de construir projetos de vida orientados por valores (CALIMAN, 2015).

Conhecimento das normas para a boa convivência

No século XIX, o sistema repressivo era o mais utilizado. As pessoas aprendiam as normas a seguir por meio do erro e acerto, e, nesse

caminho, a punição estava mais presente que a informação e a prevenção. Dom Bosco, por sua vez, sempre insistiu no prévio conhecimento das normas de convivência social. Beccaria (1996, p. 115), no século XVIII, já advertia que, para querer prevenir os delitos, é preciso fazer “com que as leis sejam claras e simples”. Trata-se aqui de informar as regras, ensiná-las, discuti-las, dar razões de sua utilização e ouvir a opinião dos educandos. A discussão das razões pelas quais existem as normas sociais no ambiente educativo faz parte de um exercício de democracia, oposto ao mundo tradicional da disciplina imposta. Por outro lado, se o conhecimento das normas é importante, também é necessário o conhecimento sobre as consequências decorrentes do desrespeito delas.

O ambiente educativo exerce também uma função preventiva por excelência, seja em uma escola, na família ou no bairro. O entorno, o bairro e o ambiente familiar influenciam as tendências culturais que se reproduzem no comportamento e nas atitudes dos educandos. Um projeto educativo requer uma “comunidade educativa”. Seria como a relação entre o hardware e o software – o projeto educativo para o hardware e a comunidade educativa para o software. Um ambiente educativo facilita a construção de um referencial de valores, perspectivas de vida, tendências culturais favoráveis à boa convivência e à administração de conflitos.

Dimensão existencial

A dimensão denominada aqui como existencial, explicitada pela pedagogia humanista cristã como uma dimensão religiosa da vida, é, sem dúvida, o centro do sistema educativo de Dom Bosco. Tal dimensão tem seu equivalente, no Relatório para a UNESCO, no saber ser. Por meio do uso das dimensões racional e relacional, afirma Braidó (1999, p. 191), “consegue-se estimular o sentido da vida, aos níveis mais altos e maduros, inclusive àqueles inspirados pela experiência religiosa”. A partir dessa experiência em um espaço e tempo específicos, “dentro de um clima familiar e de métodos e técnicas educativas adaptadas aos jovens, consegue-se fazer com que eles abram os horizontes da própria vida, inclusive para perspectivas que vão além do imediato” (CALIMAN, 2009, p. 14), ou seja, para valores transcendentais.

Ativação das relações humanas

Muitas vezes as relações se tornam superficiais e “líquidas”, sem consistência, mediadas por tecnologias que dispensam o olho no olho. Certas habilidades e competências de um educador que atua em ambientes que requerem o desenvolvimento de dinâmicas voltadas à ativação das relações humanas e sociais contemplam: disposição para o trabalho em equipe, nível suficiente de criatividade, disponibilidade para a mediação de conflitos, suficiente conhecimento da realidade da adolescência e juventude, atitude de abertura à comunicação, atitudes de cuidado e de respeito à diversidade, disponibilidade para a construção de vínculos, cultivo de relações de confiança; sem deixar de mirar às soluções de longo alcance, como a transformação da realidade social que gera vulnerabilidades e exclusões (CALIMAN *et al.*, 2012).

O Sistema Preventivo de Dom Bosco ressalta a dimensão relacional e afetiva como essencial para a educação, principalmente em se tratando de adolescentes e jovens. O cultivo das relações tem a ver com conceitos correlatos, tais como os de bondade (que Dom Bosco chamava de *amorevolezza*²), caridade, acolhida, mansidão e carinho. O Relatório de Delors (1996), por sua vez, refere-se à importância de aprender a viver juntos ou à educação para a convivência humana.

A proposta de uma perspectiva/projeto de vida

Dom Bosco procurava dar perspectivas de vida aos adolescentes e jovens que orientava. A dimensão existencial (religião) era muito intensa em seu estilo de educação, justamente para estimular um sentido na vida dos jovens de modo que não fossem “empurrados” pela necessidade, mas sim por uma motivação maior, por um projeto de vida, caminhando com as próprias pernas.

A vida das pessoas tende a ser orientada por motivações provenientes do seguimento de um projeto de vida capaz de lhes dar sentido. Alguns autores refletem sobre o sentido da vida: Durkheim (1999), ao desenvolver o conceito de anomia ou de enfraquecimento dos laços sociais e da solidariedade social; Frankl (1985), sob a ótica da psicossociologia, identifica na busca de sentido o motor e a motivação para a vida.

Durkheim (1999), observando o descompasso das relações que se desenvolviam entre a solidariedade mecânica (sociedade tradicional) e a solidariedade orgânica (sociedade industrial), identificava entre os motivos do suicídio: a perda de referenciais de valores, a ausência de projeto de vida, a carência de fins a serem perseguidos, enfim, o enfraquecimento das relações sociais. Isso acontece quando as mudanças na sociedade são muito rápidas e as pessoas ficam sem um referencial para se situar dentro dela. Tal situação levaria à anomia. Lembrava ele:

O estado de anomia é impossível onde os órgãos solidários estão em contato suficiente e suficientemente prolongado. Com efeito, ao ser contíguo a todo o momento percebem a necessidade que têm uns dos outros e, por conseguinte, têm um sentimento vivo e contínuo e sua mútua dependência (DURKHEIM, 1999, p. 385).

A anomia, mais que ausência de normas, constitui-se na inadequação, deslegitimação e contraditoriedade delas. Em condições de anomia, as normas, mesmo que existam, não conseguem emergir de uma consciência coletiva, mas sim de desejos e interesses pessoais. Merton (1964), por sua vez, e meio século depois, desenvolve a relação do indivíduo com a sociedade com base na teoria da anomia. O autor adverte claramente que, enquanto os objetivos da sociedade são inculcados como obrigatórios a todos os seus membros, os meios são prometidos teoricamente a todos, mas estão disponíveis, na realidade, somente a uns poucos. O indivíduo sabe que, para participar da sociedade, precisa investir nos fins, tais como escolaridade, emprego e família. Mas, por outro lado, não dispõe dos meios ou recursos para consegui-los. Essa frustração gera nos indivíduos insatisfação e reações as mais diversas.

Viktor Frankl (1985) dá atenção especial à necessidade de significado e às consequências de sua frustração. O homem é dotado de uma “vontade de significado” que motiva a sua busca de sentido da existência e constitui-se em uma necessidade fundamental. Uma das evidências da importância para o homem da vontade de significado pode ser observada nos sintomas de sua negação. A frustração da necessidade de sentido da vida leva ao “vazio existencial”, “sentimento de absoluta falta de significado que, num crescente de gravidade, acompanha momentos como a crise adolescencial, os estados depressivos, as condutas suicidas” (CALIMAN;

PIERONI, 2015, p. 25). A resposta ao vazio existencial consiste na busca de compensações, na procura da felicidade nos meios em lugar dos fins. Essa maneira de conceber a felicidade, as atitudes e os comportamentos que dela decorrem reproduz-se nos diversos âmbitos de vida, e, conseqüentemente, o estudo, o trabalho, a relação com o outro, o desejo de independência e a liberdade adquirem valor instrumental para a obtenção do prazer (gozar a vida), mediante alternativas como o consumo, a carreira e a busca de bem-estar. A frustração da necessidade de sentido da vida evidencia-se na potenciação dos meios (o dinheiro, o outro, a moda, a aparência, o corpo) como fins em si mesmos e como substitutivos da felicidade. O efeito problemático de tal fator de risco pode manifestar-se por reações irracionais e desviantes: em casos mais intensos com a autodestruição (o suicídio), mas também no desejo de evasão que se revela no consumo de drogas, de álcool, na busca de sensações, na velocidade e na filosofia do aproveitar a vida a qualquer custo.

Dimensão afetiva/relacional

Em 1877, Dom Bosco assinalou nas notas de seu Sistema Preventivo como “o método da razão e da amorevolezza ‘faz o aluno raciocinar’, o educador consegue ‘ganhar seu coração’, o aluno irá responder com maior capacidade de compreensão e mais viva afetividade” (BRAIDO, 1999, p. 190). É uma dimensão que Delors (1996) identifica como sendo a do aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, por meio do cultivo das relações humanas dentro dos parâmetros da ética, responsabilidade e cidadania.

Ativação da acolhida e do cuidado

Dom Bosco se refere muito a um termo conhecido no mundo salesiano como “amorevolezza”. Significa querer bem, disposição à acolhida, atitude de carinho e mansidão. Nada melhor para um ambiente com déficits nas relações, seja por problemas familiares, seja por problemas internos do ambiente escolar, que, muitas vezes, não consegue dar a um educador (professor ou administrativo) a disposição para investir no ambiente educativo. Fala-se muito hoje na síndrome de Burnout, definida como “um processo iniciado com excessivos e prolongados níveis de estresse

(tensão) no trabalho; que acomete aquele, que chegou ao seu limite, com grande prejuízo em seu desempenho físico ou mental” (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007, p. 225).

Dom Bosco dizia que o educador deve fazer-se amar se quiser fazer-se respeitar. Sugere, assim, que o primeiro trabalho a ser feito deve ser orientado ao quadro de educadores para que eles se sintam motivados a investir nessas atitudes básicas voltadas ao processo educativo. A construção do clima educativo que permeia o ambiente educativo é um pré-requisito para se construir uma sintonia entre educador e educando marcada pela confiança.

Ativar a vida afetiva

A linguagem que é utilizada pela infância, adolescência e juventude tem nas dimensões afetiva e relacional condições de possibilidade para que um educador consiga incidir eficazmente na transformação de conhecimentos, atitudes, procedimentos, valores e comportamentos. A relação afetiva gera confiança e permite que, ao comunicar-se com o educando, o educador tenha autoridade para dar sugestões e conselhos, sobretudo, sobre assuntos que requeiram intervenções mais exigentes. Sua palavra passa a ser significativa e não parte de um ritual vazio; é um instrumento que motiva transformações de atitudes, procedimentos e valores.

Estímulo aos vínculos entre a família e a escola

A ativação da vida afetiva diz respeito não somente às relações entre educadores e educandos no ambiente educativo, mas também à ativação das relações no ambiente intrafamiliar. Os adolescentes tendem a reproduzir na escola atitudes e valores que aprendem dentro de casa. Muitas famílias estão desestruturadas e sofrem com a falta de estrutura básica para sustentação da socialização e do percurso formativo da infância e adolescência. Outras famílias, embora estruturadas, padecem com situações de pobreza, obrigando os pais a estar ausentes durante boa parte do tempo para garantir os recursos de sobrevivência. Nesse sentido é que a escola pode agir, seja estimulando os pais a acompanhar seus filhos na escola, seja proporcionando momentos de discussão crítica dos jovens sobre a realidade em que vivem, de maneira a vislumbrarem outros modos de superar os conflitos a que são submetidos na vida diária.

Estimular a sociabilidade humana

Zygmunt Bauman (1997, p. 138) define sociabilidade como:

[...] tudo aquilo que representamos ou deixamos transparecer às pessoas. Implica em nossas características comportamentais, de habilidades e outras capacidades de saberes/fazer, ou seja, de solucionar problemas, de negociar, de se relacionar, de perceber os sentimentos dos outros, de saber ouvir, enfim, tudo que nos representa e nos identifica, o nosso marketing pessoal.

Se, por um lado, a sociabilidade se desenvolve a partir da capacidade de relacionar-se e interagir com os outros, a falta ou ausência de sociabilidade gera problemas, pois é vista como incapacidade para o diálogo e refere-se também às dificuldades de convivência com as pessoas, por exemplo, a autossuficiência, o não escutar e/ou por conta do frenesi do cotidiano (DASSOLER; CALIMAN, 2017).

Em um mundo em que adolescentes e jovens utilizam instrumentos de comunicação nas redes sociais, correm também o risco de sofrer de um déficit de sociabilidade a partir do momento em que a mediação tecnológica elimine a interação face a face.

Inclusão social pela formação profissional e tecnológica

Assinala Braido (1999) que o Sistema Preventivo tem como objetivo formar o bom cristão, mas, ao mesmo tempo, o honesto cidadão. Este último é “para Dom Bosco a capacidade de envolvimento ordenado e laborioso na sociedade, mediante o trabalho, como artesão, agricultor, operário, empregado, professor, militar, sacerdote” (BRAIDO, 1999, p. 194). De fato, Dom Bosco se refere à “pedagogia do dever e do trabalho, em substância, inerente a toda a vida da instituição educativa” (BRAIDO, 1999, p. 202). A dimensão profissional e tecnológica equivale ao que a UNESCO designa como um dos “pilares da educação no século XXI”, o saber fazer, uma dimensão que ressalta a formação profissional e para o trabalho, um dos objetivos das escolas ao prepararem seus alunos para a vida (DELORS, 1996). O aprender a fazer relaciona-se ao

conceito de investimento nas competências pessoais, a fim de que todos tenham as habilidades necessárias para acompanhar as novas demandas do mercado de trabalho e possam acompanhar a evolução de sociedades marcadas pelo avanço do conhecimento (NOLETO, 2008, p. 34).

No trabalho: a prioridade da dimensão educativa sobre a dimensão produtiva

No norte da Itália, já em plena participação na Revolução Industrial do século XIX, muitos jovens acorriam a Turim para trabalhar. Lenti (2012) relata a situação da juventude em Turim em meados do século XIX, em que cerca de 2 mil jovens se reuniam todos os dias na praça central da cidade, muitos deles trabalhando até 16 horas por dia, sem proteção. Dom Bosco propôs aos patrões a celebração de contratos de trabalho, o que garantia a tais jovens um dia livre para que esses jovens frequentassem o seu ambiente educativo chamado de Oratório e garantindo jornadas de trabalho mais condizentes com a idade e o desenvolvimento deles (LENTI, 2012).

Trabalho e profissionalização são propostas para solucionar o crescimento da qualidade de vida dos jovens. Para tanto, o trabalho deve ser valorizado não somente por meio da dimensão numérica, enquanto uma oportunidade de trabalho, ou pelo seu potencial de produção de renda, mas como exercício de crescimento humano mediante a gestão positiva das relações humanas dentro do ambiente de trabalho. Sobretudo quando se trata do trabalho exercido por adolescentes, ele deve ser amparado pelas normas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), para que a dimensão produtiva não prevaleça sobre a dimensão educativa.

Estímulo à participação social

As expressões “enxugar gelo” ou “chover no molhado” podem exprimir bem o ânimo daqueles que se dedicam aos programas sociais “de fronteira”, ou seja, aqueles projetos que atendem pessoas altamente vulneráveis, como moradores de rua, dependentes de drogas, pessoas atingidas pela necessidade de migração. A questão que sempre volta é sobre o que fazer para estancar a fábrica de pobreza, de miséria e de sofrimentos os mais variados, geradores de tanto mal-estar social.

Refletindo sobre o papel do trabalhador social no processo de mudança, Paulo Freire (2011, p. 57) assim se exprime: “É necessário, porém, que o trabalhador social se preocupe com algo já enfatizado nestas considerações: que a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens”. A mudança social é inerente à prática pedagógica voltada para os cuidados com os educandos, seja em âmbito pessoal, seja em âmbito social. No nível pessoal, o objetivo do educador social visa ao crescimento do educando como sujeito de sua história, e não como objeto de forças excludentes. No nível social, o educador se utiliza de processos de reflexão sobre a ação que estimulam uma visão crítica acerca dos mecanismos sociais que marginalizam e excluem, para dar espaço à transformação social de contextos, ambientes, e estruturas que desumanizam o indivíduo. Ele é um agente de transformação social que ajuda e acompanha pessoas em seu desenvolvimento, sem perder de vista as mudanças sociais necessárias para cessar a reprodução de processos excludentes.

Escolaridade, renda, mobilidade social

Os pais sonham em poder oferecer aos filhos a possibilidade de estudarem nas melhores escolas. A esperança é a de que a escolaridade possa contribuir para melhorar o nível de vida de seus filhos, oportunidade que muitos pais não tiveram no passado. Boudon (1981) ressalta que, nas sociedades tradicionais, o que contava para a manutenção do *status* social era a posição familiar, ou seja, a posição social como uma posição adquirida por meio do *status* familiar. Já nos tempos de hoje, tal posição social é adquirida pelo indivíduo, e a escolaridade conta muito nessa possibilidade de aquisição. Para os jovens desfavorecidos, a busca de credenciamento no mercado escolar, diante da escassez de trabalho, transforma suas aspirações em miragens no deserto, principalmente em momentos de crise ocupacional como se está assistindo nos tempos atuais.

A formação adquirida na escola, sobretudo a educação profissional, gera uma expectativa de inserção no mercado de trabalho, chave para a obtenção de uma geração de renda. A sequência educação-trabalho-renda, no entanto, nem sempre significa necessariamente oportunidade para a ascensão e a mobilidade social.

Quanto mais longa a escolaridade, mais se requerem diplomas para alcançar menores conquistas ocupacionais e de renda, com o sério risco de mobilidade intergeracional descendente, isto é, de os filhos não alcançarem o status socioeconômico dos pais (GOMES; VASCONCELOS; COELHO, 2018, p. 40).

Concluindo

A juventude da Revolução Industrial italiana e a de hoje, apesar dos tempos que as separam, têm em comum a pertença a uma faixa etária, a intensidade com a qual sofrem as consequências dos problemas sociais, a vulnerabilidade e o risco. Como o conceito de juventude é histórico e socialmente construído, certamente mudam as modalidades de tais consequências e da vulnerabilidade. Enquanto naqueles tempos do século XIX a sociedade tinha um referencial normativo de crenças e valores muito mais sólido, oferecendo oportunidades de um mais claro pertencimento social, nos tempos de hoje a sociedade é caracterizada pela liquidez das opções e do consenso aos valores e não oferece aos jovens um terreno seguro no qual fundamentar suas raízes culturais.

Comparando os tempos, parece permanecer o teor da linguagem comum que Dom Bosco tinha com os jovens de seu tempo: a capacidade de estabelecer relações com base na empatia, confiança, compreensão e bondade. Alguns elementos mudam em suas particularidades, mas não na sua essência: a racionalidade das normas aplicadas na forma do amor exigente; a atenção à construção de um projeto de vida, orientado por referenciais de valores consistentes e capazes de dar sentido à vida; o cultivo das relações e da afetividade capaz de sintonizar-se com a linguagem do coração; a perspectiva de participação na sociedade por meio do saber fazer, do trabalho e da fonte de renda.

Recebido em: 04/10/2019

Aprovado em: 20/12/2019

Notas

1 Doutor em Educação. Coordenador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília. E-mail: ger.caliman@hotmail.com

2 A palavra “amorevolezza” significa querer bem; é o resultado da confiança e do espírito de família que alimenta a relação afetiva.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BECCARIA, Cesare. **Dei delitti e delle pene**. Bussolengo: Demetra, 1996.

BOUDON, Raymond. **Desigualdade de oportunidades**. Brasília: Editora da UnB, 1981.

BRAIDO, Pietro. **Prevenir não reprimir**: o sistema preventivo de Dom Bosco. Roma: LAS, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALIMAN, Geraldo. O humanismo pedagógico de Dom Bosco nas Instituições Universitárias Salesianas. **Revista Diálogos**, Brasília, n. 12, p. 9-17, 2009.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social, relações humanas e educação. *In*: MAFRA, Jason Ferreira; BAPTISTA, José Carlos de Freitas; BAPTISTA, Ana Maria. **Educação básica**: concepções e práticas. São Paulo: BT Acadêmica, 2015.

CALIMAN, Geraldo; PIERONI, Vittorio. **Sociologia e drogadição**. Guarapuava: UAB/Unicentro, 2015.

CALIMAN, Geraldo *et al.* Formação do educador social através do ensino a distância. *In*: AMPARO, Deise Matos *et al.* **Adolescência e violência**: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais. Brasília: Liber Livro/UnB, 2012. p. 181-194.

DASSOLER, Olmira Bernadete; CALIMAN, Geraldo. Educação, sociabilidade e socialização: múltiplas perspectivas. **Rev. Educ.**, ANEC, Brasília, ano 40, n. 154, p. 142-156, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://revistas.anec.org.br/index.php/revistaeducacao/article/view/25/36>. Acesso em: 19 set. 2019

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/MEC, 1996.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Candido; VASCONCELOS, Ivar; COELHO, Silvia (org.). **Ensino médio**: impasses e dilemas. Brasília: SBEC, 2018.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa do século XIX: algumas notas comparativas. **Estudos Avançados**, v. 22, n. 62, p. 77-94, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a06v2262.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

LENTI, Arthur. **Dom Bosco**: História e carisma 1. Origem: dos Becchi a Valdocco (1815-1849). Brasília: EDB, 2012.

LUPI, Maria; GIRAUDO, Aldo. **Pietro Stella**: la lezione di uno storico. Roma: LAS, 2011.

MERTON, Robert Key. **Social theory and social structure**. London: The Free Press of Glencoe, 1964.

NANNI, Carlo. **O sistema preventivo de Dom Bosco, hoje**. Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Construindo saberes**: referências conceituais e metodológicas do Programa Abrindo Espaços: educação e cultura para a paz. Brasília: UNESCO/Fundação Vale, 2008.

STELLA, Pietro. **Don Bosco**. Milano: Il Mulino, 2001.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. **Rev. Psiq. Clín.**, v. 34, n. 5 p. 223-233, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n5/a04v34n5.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.